



IMAGEM: Nicolas Alejandro

“Somos muitos, somos diversos e aqui estamos cruzando fronteiras”:

Reflexões sobre a compreensão dos processos migratórios juvenis

María Margarita Echeverri Buriticá

Segundo estimativas das Nações Unidas para o ano de 2013, aproximadamente 232 milhões de migrantes internacionais percorriam o mundo fugindo da pobreza, das violências, dos conflitos sociais e armados e das precárias condições de seus países de origem. Segundo esses dados, os/as jovens entre 15 e 24 anos de idade constituíam 10% do total de pessoas migrantes (Global Migration Group, 2014). Não são poucos, porém sua altíssima presença nos processos de migração e a grande heterogeneidade de seus projetos migratórios não são registradas por completo nas produções acadêmicas e políticas, que sobre eles pensam e governam. Em vez disso, as formas em que foi concebida e analisada a juventude migrante são herdeiras de um pensamento positivista e colonialista, que segue tratando os jovens migrantes como um problema social (que deve ser resolvido), e inserindo-os no contexto de processos migratórios gerais.

Continuando nessa linha, são escassas as pesquisas orientadas para os/as jovens, que aparecem, de modo geral, representados(as) como um apêndice dentro de uma estrutura mais ampla de estudos sobre migração (Castañeda Camey, 2009)¹. Perpetua-se assim uma abordagem adultocêntrica e economicista das migrações, que reflete a comum concepção dos/das jovens, como sujeitos “levados à força” pelos adultos em processos de reagrupação familiar ou “abandonados” em seus locais de origem devido à migração de seus pais ou mães, sendo ignorados os autônomos e diversos projetos migratórios que, cada vez mais, são realizados pela população jovem migrante (Echeverri, 2005, 2010). Como destacado por Cachón (2004), no caso espanhol, as pesquisas sobre “juventude migrante” dizem respeito aos filhos de imigrantes, sem serem levados em conta nas análises os jovens que migram sós e que, pelo fato de se inserirem no mercado laboral, são tratados como “adultos”. Assim, um número importante dos trabalhos considera os jovens, de modo geral, como imigrantes e, tradicionalmente, os entendem dentro do contexto de uma estratégia familiar de migração, não os considerando como agentes sociais e atores migratórios em si mesmos (Suárez, 2006).

Nessa linha de raciocínio, priorizaram-se as análises dos processos de inserção no contexto escolar, como a área “natural” onde os/as jovens se inscrevem após sua chegada aos países de destino. Problematiza-se sua inserção socioeducativa e focalizam-se os processos de assimilação – a saber, o que devem deixar para trás, mudar ou modificar para “se adaptarem” e “assimilarem” – e assim produzir um espaço de “educação intercultural” nas escolas (Franzé, 2003), que faça com que a chegada dos/das jovens migrantes deixe de ser um “problema” para as sociedades receptoras. No caso espanhol, os primeiros estudos da juventude migrante realizaram-se especialmente em Madrid e Barcelona, no contexto da escola pública, levando em conta os primeiros anos de escolaridade (Aparicio, 2001). Dez anos depois, Pedone (2011) afirma que, na Espanha, o problema da imigração e da escola continua a ser abordado de um ponto de vista

1 “Autores reconhecidos no tema juventude no México concordam que a maioria dos trabalhos sobre migração juvenil somente abordam a problemática da população jovem rural nas áreas com grande tradição migratória, e que esses trabalhos analisam, na maioria das vezes, o modo como foram construídas, de modo geral, as redes sociais da migração, a conformação de comunidades “transnacionais” e o envio de remessas (Reguillo, 2004; Martínez, 2000)” (Castañeda Camey, 2009, p. 1462).

estritamente vinculado à inserção de crianças e jovens nos âmbitos socioeducativos espanhóis, com problemáticas de “integração social” próprias das “segundas gerações”.

A partir da década de 1990, a chegada do enfoque transnacional das migrações² evoca a imagem de um movimento contínuo, de idas e vindas entre países de destino e de origem, perpassado por processos e práticas econômicas, políticas e socioculturais, vinculadas e configuradas segundo as lógicas de mais de um Estado-Nação, com uma passagem constante das fronteiras (Suárez, 2007). Assim, tudo parecia indicar que as análises dos projetos migratórios juvenis superariam as categorias rígidas e os cenários naturalizados no contexto de seus processos de inserção nas sociedades de destino. Mas, quanto à população jovem, seguem prevalecendo os estudos centrados especificamente no país de destino, com marcado cunho eurocêntrico e um nacionalismo metodológico³ que não se consegue superar por completo. Predomina, assim, uma grande influência do enfoque assimilacionista das migrações, afirmando-se que o ativismo transnacional perde força entre a população jovem (Cohen, 2005; Portes, 2001, 2004; Rumbaut, 2002), a qual, segundo afirmado, se “acultura muito rápido ao novo ambiente, deixando de lado as preocupações de seus pais sobre as questões das nações de origem” (Portes, 2004, p. 6).

Desde o final do século XX, outro fato marca a visibilidade dos jovens latino-americanos migrantes. A significativa presença das mulheres nas correntes migratórias latino-americanas para o território espanhol revelou dinâmicas familiares complexas, que punham em relevo mudanças estruturais e simbólicas nas relações de gênero e geracionais no interior das famílias (Pedone, 2006; Echeverri, 2015). De acordo com as análises das redes migratórias desde a perspectiva transnacional e com enfoque de gênero e geracional, a presença das mulheres mostrou a participação das crianças e jovens como atores fundamentais nos processos migratórios. No entanto, esta visibilidade da população jovem migrante latino-americana não demorou a ser circunscrita novamente a “um problema social de ambos os lados do Atlântico” (Echeverri, 2014). Na Colômbia, por exemplo, o discurso estava endereçado a destacar que a migração das mulheres provoca a “desintegração familiar” e “disfunções” (gravidez adolescente, baixo rendimento escolar e violência de gangues juvenis) nas famílias migrantes, pelo abandono das mulheres a seus filhos e filhas. Na Espanha, ao mesmo tempo, nossas pesquisas revelavam que os/as jovens colombianos(as) migrantes carregavam o estigma

2 O enfoque transnacional entende as migrações “como um processo dinâmico de construção e reconstrução de redes sociais que estruturam a mobilidade espacial e a vida laboral, social, cultural e política, tanto da população migrante como de familiares, amigos e comunidades nos países de origem e destino(s)” (Guarnizo, 2006, p. 81), superando o enfoque “assimilacionista”, assumido durante décadas, segundo o qual os migrantes chegam a outro país para ficar e perdem progressivamente os vínculos com seu país de origem.

3 Como o define Glick Schiller (2009), o nacionalismo metodológico é uma tendência intelectual que: 1) subentende que a unidade de estudo e de análise se definem tomando como critérios as fronteiras nacionais; 2) identifica sociedade com Estado-Nação; 3) combina os interesses nacionais com a finalidade e as matérias chave da ciência social. O nacionalismo metodológico desempenhou um papel central em grande parte da ciência social ocidental, sobretudo, nas principais concepções doutrinárias sobre migração e na sua forma de explicar a integração, a inclusão e a exclusão.

do discurso institucional e popular, segundo o qual sua falta de “integração social” e sua participação nas erroneamente chamadas “gangues latinas” devia-se ao abandono de suas mães por causa das longas jornadas de trabalho (Echeverri, 2010).

Nesse contexto, em que se revela a simplificação e generalização dos processos migratórios juvenis, bem como a insistência de discursos que fixam os/as jovens a determinadas categorias analíticas, nossas pesquisas mostraram a heterogeneidade das trajetórias, estratégias e vivências destes atores sociais, que, como nenhum outro no mundo das migrações, nos ensinaram a arte de ultrapassar as fronteiras, resistir e abrir caminhos. Então, o apelo é para tornar mais complexos os olhares, no intuito de superar a posição simplista e essencialista, economicista e assimilacionista, que prevalece nos estudos sobre migração juvenil. A partir da experiência com os/as jovens migrantes, propomos quatro cenários que não podemos esquecer, para compreender de maneira profunda como estão sendo suas vidas migratórias.

O enfoque transnacional das migrações. Um trabalho de campo multissituado

Pesquisas realizadas com jovens migrantes nas últimas duas décadas nos conduzem necessariamente a propor superar o enfoque assimilacionista da migração – que continua a centrar-se no estudo das migrações sul-norte e prestou pouca atenção aos movimentos intrarregionais sul-sul (Echeverri, 2016) –, para incorporar metodologicamente o enfoque transnacional das migrações. São poucos os estudos que dão conta dos fatores e condições dos países de origem, quando se trata dos jovens que migram. Ainda que existam estudos sobre crianças e jovens latino-americanos que aportam elementos sobre a dimensão transnacional das trajetórias e estratégias juvenis, com um trabalho de campo multissituado quanto à origem e destino (Pedone, 2006, 2010; Echeverri, 2010, 2014, 2016), as pesquisas não são feitas desde esta perspectiva.

Não podemos esquecer que a população juvenil não rompe seus laços com sua origem e que as condições sociais, culturais, políticas e econômicas de seus contextos migratórios particulares estão influenciando de modo determinante suas trajetórias e as formas como negociam suas afiliações identitárias. Assim, é fundamental compreender seus projetos migratórios dentro de um trabalho de campo multissituado origem/destino(s), que, interconectados através das redes dos que se vão e dos que ficam, nos permitam comparar as experiências dos migrantes e dos não migrantes.

A incorporação dos/das jovens migrantes nos países de destino e as conexões transnacionais com seu país de origem ou com redes dispersas de familiares, conterrâneos ou pessoas com as quais compartilham uma identidade podem acontecer ao mesmo tempo e se reforçar entre si, em um processo simultâneo (Levitt; Glick Schiller, 2004; Echeverri, 2010). Neste sentido, por exemplo, para o caso dos/das jovens colombianos(as) migrantes na Espanha, o contexto de origem – um conflito armado e múltiplas violências que operam há mais de cinco décadas na Colômbia – apresenta-se como um fator particularmente relevante na hora de tomar as decisões de migrar e não voltar (Echeverri, 2010).

Assim, os trabalhos de campo multissituados e a compreensão dos espaços sociais transnacionais fazem com que se tornem obsoletas as categorias acadêmicas e políticas baseadas em um único território, bem como as categorias hegemônicas sobre identidade, que usualmente esquecem que as identificações são fluidas, múltiplas, mutáveis e contextualizadas (Echeverri, 2010), e que geram, por sua vez, uma consciência multiterritorial (Vertovec, 2004).

Assim, a perspectiva transnacional das migrações nos permite dar um giro analítico e devolver aos/às jovens essa multiplicidade e diversidade de trajetórias presentes na sua vida cotidiana. Trazemos o conceito de “jovens em migração” ou “jovens migrantes”, que permite levar em conta de uma forma ampla, mas rigorosa, um conjunto de dinâmicas muito diversas: jovens que viajam por si mesmos de forma autônoma ou como parte de uma migração familiar, aqueles que ficam encarregados dos familiares no local de origem, os que vão para estudar (qualificados), os que fogem forçadamente, os que não migram. Dinâmicas migratórias que, em todo caso, estão determinadas pelo que acontece e segue acontecendo em seus locais de origem.

Os processos identitários da população juvenil em migração são múltiplos e móveis. Uma proposta metodológica longitudinal

Propõe-se assim, uma metodologia multissituada e longitudinal que permita visibilizar como os processos migratórios – e com eles as narrativas, identificações e os processos de inclusão/exclusão nas sociedades de origem e de destino – seguem complexos e diversos percursos, nem sempre predizíveis a partir de uma única informação. Como exposto nos trabalhos realizados com jovens colombianos migrantes nas últimas duas décadas, os posicionamentos identitários são processos dinâmicos, nos quais as identificações, vínculos e práticas transnacionais têm altos e baixos, ligam-se e desligam-se, movem-se e reconstroem-se de acordo com dinâmicas contextuais, estruturais e simbólicas particulares (Echeverri, 2005, 2010, 2014). Como informado por Levitt e Glick Schiller (2004), o estudo longitudinal das práticas dos/das migrantes mostra que, em momentos de crise ou oportunidade, mesmo aqueles que nunca se identificaram ou participaram transnacionalmente, podem se mobilizar. Como assinalado por Terrem (2002), as categorias identitárias etnonacionais e/ou supranacionais quanto às migrações, mais do que artifícios analíticos construídos, são consideradas fórmulas ‘esclerotizantes’ do determinismo cultural e social dos atores em jogo e com elas buscam-se elaborar discursos sobre as identidades juvenis migrantes com base em metáforas e imagens de ruptura, choque ou perda (Suárez, 2004; Echeverri, 2005, 2010). No entanto, suas afiliações identitárias mudam, são múltiplas, híbridas, situadas, operam simultaneamente e se nutrem de discursos construídos transnacionalmente, sendo estéril seguir buscando a “identidade” – única e essencial – dos/das jovens migrantes para determinar se estão “mais ou menos integrados” nas sociedades de destino. Suas identificações se reconstroem em dinâmicas permanentes, como resultado de um processo de interação de diversos elementos: contextos políticos, econômicos, culturais e sociais de origem e de destino em relação, que se ancoram e subjetivam na vivência simultânea do passado, presente e futuro. “Aqui” e “lá” são duas faces do mesmo processo, que se confundem e se misturam para produzir algo novo, em uma relação espaço-temporal que perdemos de vista na maioria das vezes.

A interseccionalidade nas análises das migrações juvenis

Reconhecer a participação dos jovens nos processos migratórios como atores sociais chave nos conduz necessariamente a compreender que estes sujeitos, como qualquer outro envolvido nos processos migratórios da população, ocupam posições no campo social que refletem uma grande heterogeneidade quanto às suas apostas, trajetórias e estratégias. Fazer desenhos metodológicos segundo grupos etários, e daí generalizar as trajetórias dos/das jovens, nos impede analisar as outras relações de poder que dentro do campo social perpassam suas condições de vida e seus potenciais de resistência. Neste sentido, nossas pesquisas emergiram da diversidade das trajetórias dos/das jovens na migração, atravessadas por marcadores sociais de diferença, como gênero, geração, orientação sexual, motivos de migração, pertença urbana ou rural⁴, classe socioeconômica, entre outras, que funcionam de modo articulado, evidenciando contradições e tensões, mas também estratégias de resistência e agência (Piscitelli, 2008; Echeverri, 2010). A categoria interseccionalidade focaliza o que é entendido por “opressões cruzadas”, a saber, sistemas de opressão heterárquicos, variáveis e complexos que influenciam as histórias da juventude migrante, e que variam de acordo com o contexto concreto de opressão (Flórez, 2015).

Neste sentido, por exemplo, para o caso dos processos migratórios da população afrodescendente do Pacífico colombiano ao Chile, os motivos da migração e o gênero intervêm no modo como estão se tomando as decisões quanto à migração no contexto das relações familiares, “em que os filhos varões são prioridade, quando atingem idades em que, segundo os/as migrantes, são captados forçadamente pelos grupos que operam nos territórios de violência na Colômbia” (Echeverri, 2016, p. 95). Aparecem, neste caso, os filhos e filhas do exílio colombiano e os milhares de jovens que “não migram por bilhete”⁵ (Echeverri, 2012), em territórios onde usualmente há uma grande ausência de proteção internacional, expostos à detenção, à falta de acesso a serviços e à revitimização (Global Migration Group, 2014). As violências e o conflito armado que a Colômbia ainda vive há mais de cinco décadas têm permeado a vida cotidiana dos/das jovens, que fogem e cruzam as fronteiras internacionais em busca de abrigo e proteção para suas vidas. Filhos e filhas do exílio e da migração internacional forçada migram para salvar suas vidas. Suas migrações estão marcadas pela dor e a incerteza. Migram sem tempo, sem sonhos, e apenas se alimentam de precárias expectativas feitas com pressa, durante tediosas viagens que rompem suas vidas (Echeverri, 2010, 2012).

4 Como exposto por Glick Shiller e Çaglar (2008), as trajetórias dos/das migrantes são diferentes, segundo os contextos locais de origem e destino, o que demanda a compreensão dos distintos modos e dinâmicas de incorporação dos/das jovens, através das posições relativas dos locais dentro dos campos hierárquicos de poder, pois, a partir dessas posições estabelece-se uma diferença básica com respeito às oportunidades de vida e probabilidades de incorporação dos/das migrantes.

5 ‘Billete’ no espanhol equivale a dinheiro. Frase colocada pela autora, que faz referência àqueles jovens que não migram por falta de dinheiro.

Ao mesmo tempo, neste cenário se configuram sistemas de opressão nos quais funcionam relações de poder cruzadas, que fazem com que o racismo, a discriminação e a exclusão se expressem com mais força sobre as mulheres afrodescendentes jovens, de ambos os lados das fronteiras.

As mulheres migrantes colombianas negras carregam estigmas que se configuram ao redor das marcas de uma alteridade racializada e sexualizada. As histórias de violências e dor vividas no seu país de origem perpetuam-se em terra chilena (Echeverri, 2016, p. 101).

Então, mostrar a heterogeneidade dos projetos migratórios dos/das jovens e os sistemas de opressão heterárquicos, variáveis e complexos que determinam suas migrações, é uma tarefa pendente que não podemos seguir adiando.

De capturar dados a escutar suas histórias

Pesquisar sobre as trajetórias juvenis da migração exige fazê-lo desde a própria narrativa dos sujeitos, para compreendê-las no marco da rede narrativa que conecta seus contextos de origem e destino. Não é inusitado que nos processos acadêmicos e políticos fale-se sobre os/as jovens sem aprofundar seus percursos biográficos nos interstícios e cadências de suas próprias narrativas. Costumamos falar sobre eles e elas, mas não com eles e elas. Suas vivências da migração e as múltiplas maneiras como enfrentam e atravessam as fronteiras revelam as continuidades, descontinuidades, interações e expressões que se tecem através das fronteiras.

Têm sido utilizados diversos métodos e múltiplas técnicas para pesquisar as identidades nos contextos migratórios. Entre eles, técnicas quantitativas que, ao efetuar a análise de dados dos recenseamentos e questionários – fechados – com amostras amplas, fixam os sujeitos em categorias predefinidas, sem que seja possível compreender e analisar o significado que há por trás dos dados ou o constante trânsito dos/das jovens entre suas identificações. Então, torna-se necessária a narração deles e, sobretudo, a escuta. Uma escuta ativa, conectada com a infinita humanidade que caracteriza as histórias da migração juvenil. Só assim poderíamos desvendar as contradições, dores, esperanças e grandeza destas histórias. Como afirmado por Ferraroti (1991), somos chamados a saber escutar e, graças a essa capacidade de escuta, a superar os simples relatórios sociográficos e inventariais ou o relatório policial. Uma escuta com a pele, significando que:

entre narradores e escutadores a relação é direta, imprevisível, dilemática. Trata-se, dito de outra forma, de uma relação verdadeiramente humana, dramática, sem resultados assegurados [...]. Não somente falam as palavras, mas os gestos. As expressões do outro, os movimentos das mãos, a brilho dos olhos. É esse o dom da oralidade: a presença, o suor, as faces, o timbre da voz, o significado – o som – do silêncio (Ferraroti, 1991, p. 19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APARICIO, R. La literatura de investigación sobre los hijos de inmigrantes. **Migraciones**, Madrid, n. 9, p. 171-182, out. 2001.
- CACHÓN, L. Inmigrantes jóvenes en España. In: **Informe Juventud en España**. Madrid: Instituto de la Juventud, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004.
- CASTAÑEDA CAMEY, N. S. Dinámica y proceso de migración a Estados Unidos: jóvenes de Guadalajara, Jalisco, México. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 2, p. 1459-1490, jul. 2009.
- COHEN, J. Remittance outcomes and migration: theoretical contests, real opportunities. **Studies in Comparative International Development**, v. 40, n. 1, p. 88-112, 2005.
- ECHEVERRI, M. M. Otredad racializada en la migración forzada de afrocolombianos a Antofagasta (Chile). **Revista Nómadas**, Bogotá, n. 45, p. 91-103, 2016.
- ECHEVERRI, M. M. Vínculos y prácticas políticas transnacionales de los y las jóvenes colombianos en migración en España: nuevos mapas, diversas estrategias. In: GUTIÉRREZ-BONILLA, M. L. (Org.). **Identidades transnacionales: jóvenes colombianos en contextos de migración internacional**. Colección Jóvenes con Dis...cursos. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2015.
- ECHEVERRI, M. M. A los dos lados del atlántico. Reconfiguraciones de los proyectos migratorios y la vida familiar transnacional de la población colombiana en España. **Papeles del CEIC**. International Journal on Collective identity Research. v. 2, n. 109, p. 1-28, set. 2014.
- ECHEVERRI, M. M. “Nosotros no migramos por billete”; jóvenes colombianos en migración, conflicto armado y violencias. **Metapolítica**, v. 16, n. 76. jan./mar. 2012.
- ECHEVERRI, M. M. **“Son diez horas de viaje y cinco años que te meten encima”**: proyectos, identidades y vínculos transnacionales de los y las jóvenes colombianas en España. 2010. Tese de doutorado. Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2010.
- ECHEVERRI, M. M. Fracturas identitarias: migración e integración social de los jóvenes colombianos en España. **Migraciones Internacionales**, Tijuana, v. 3, n. 1, p. 141-164, jun. 2005.
- FLÓREZ, J. **Lecturas emergentes**. El giro decolonial en los movimientos sociales. Bogotá: Editorial Javeriana, 2015.
- FERRAROTI, F. **La historia y lo cotidiano**. Barcelona: Ediciones Península, 1991.
- FRANZÉ, A. **Lo que sabía no valía**: escuela, diversidad e inmigración. Madrid: Consejo Económico y Social de la Comunidad de Madrid, 2003.
- GLICK SCHILLER, N. Nuevas y viejas cuestiones sobre localidad: teorizar la migración transnacional en un mundo neoliberal. In: SOLÉ, C., PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Orgs.). **Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. Madrid: Ministerio de Trabajo e Inmigración. Subdirección General de Información Administrativa y Publicaciones, 2009. p. 21-45.
- GLICK SHILLER, N; ÇAGLAR, A. **Migrant incorporation and city scale**: towards a theory of locality in migration studies. Malmö: Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare & Department of International Migration and Ethnic Relations, 2/07, 2008.

GLOBAL MIGRATION GROUP. **Migration and youth**: challenges and opportunities. United Nations Children's Fund, 2014. Disponível em: <<http://www.globalmigrationgroup.org/migrationandyouth>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

GUARNIZO, L. E. Migración, globalización y sociedad: teorías y tendencias en el siglo XX. In: ARDILA, G. (Org.). **Colombia**: migraciones, transnacionalismo y desplazamiento. Bogotá: CES, 2006. p. 65-112.

LEVITT, P. Los desafíos de la vida familiar transnacional. In: GIIM (Org.). **Familias, niños, niñas y jóvenes migrantes**: rompiendo estereotipos. Madrid: IEPALA, 2010. p. 17-30.

LEVITT, P.; GLICK SCHILLER, N. Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad. **Migración y Desarrollo**, n. 3, p. 60-91, 2004.

PEDONE, C. Rupturas y continuidades de los roles de género en contextos migratorios transnacionales. Relatos sobre sexualidad y salud reproductiva de los hijos e hijas de la inmigración ecuatoriana en Cataluña. **Papeles del CEIC**: International journal on collective identity research, v. 2, n. 109, p. 1-38, set. 2014.

PEDONE, C. **Estrategias y poder**: "tú siempre jalas a los tuyos". Quito: Abya-Yala, PMCD, 2006.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorías de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

PORTES, A. Introduction: the debates and significance of immigrant transnationalism. **Global networks**: a journal of transnational affairs, v. 1, n. 3, p. 181-193, 2001.

PORTES, A. Un diálogo trasatlántico: El progreso de la investigación y la teoría en el estudio de la migración internacional. Conferencia inaugural. In: **Congreso sobre la inmigración en España**: ciudadanía y participación, 4, nov. 2004, Gerona.

RUMBAUT, R. Severed or sustained attachments? Language, identity, and imagined communities in the post-immigrant generation. In: LEVITT, P.; WATERS, M. C. (Orgs.). **The changing face of home**: the transnational lives of the second generation. Nova York: Russell Sage Foundation, 2002. p. 43-95.

SUÁREZ NAVAZ, L. La perspectiva transnacional en los estudios migratorios: génesis, derroteros y surcos metodológicos. In: **Congreso sobre inmigración en España**, 5, mar. 2007, Valencia.

SUÁREZ NAVAZ, L. Un nuevo actor migratorio: jóvenes, rutas y ritos juveniles transnacionales. In: CHECA, F.; ARJONA, A.; CHECA, J. C. (Orgs.). **Menores tras la frontera**. Otra inmigración que aguarda. Barcelona: Icaria, 2006.

TERRÉN, E. La etnicidad y sus formas: aproximación a un modelo complejo de la pertenencia étnica. **Revista Papers**, v. 66, p. 45-67, 2002.

VERTOVEC, S. Trends and Impacts of Migrant Transnationalism. **Centre on Migration, Policy and Society**, Working Paper, Oxford, n. 3, p. 1-78, 2004.

Resumo

A partir da experiência de trabalho com jovens migrantes durante décadas, analisam-se criticamente as abordagens essencialistas, assimilacionistas e adultocentristas que prevaleceram no estudo e compreensão dos processos migratórios juvenis. Destacam-se, assim, categorias analíticas que generalizam e simplificam as diversas posições, e fatores que entram em jogo de maneira determinante em suas trajetórias migratórias e de vida. Neste sentido, propõem-se quatro cenários para compreender de modo profundo como são suas vidas migratórias.

Palavras-chave: jovens, migrações, chaves metodológicas.

DATA DE RECEBIMENTO: 05/05/2017

DATA DE APROVAÇÃO: 05/08/2017

**María Margarita Echeverri Buriticá**

Doutora em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid, mestre em Psicología Comunitaria e psicóloga da Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia. Tem se dedicado à pesquisa, docência e gestão de projetos sociais com população migrante colombiana. Especialista no tema identidades e migrações, com especial ênfase no estudo da população juvenil. Atualmente atua como professora e pesquisadora associada da Faculdade de Psicología da Pontificia Universidad Javeriana. É membro-fundadora do Grupo Interdisciplinario de Investigador@s Migrantes (GIIM).

E-mail: mariamargaritaecheverri@gmail.com